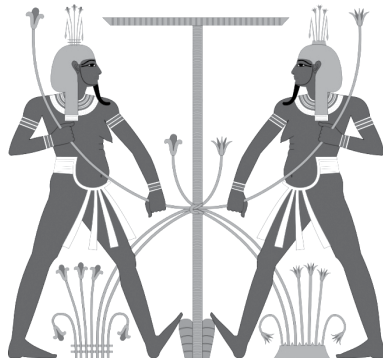


# Hapi

**Revista da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto**

Director:  
**Telo Ferreira Canhão**

Número 3



Lisboa, Novembro de 2015



# O mobiliário egípcio: a tecnologia da madeira

**José das Candeias Sales**

Universidade Aberta; CHUL

Jose.Sales@uab.pt

**Resumo:** Há três aspectos fundamentais para a nossa percepção das peças de mobiliário egípcio: a escassez de madeira nativa de boa qualidade, a mestria técnica dos artífices egípcios e as condições climáticas favoráveis à boa preservação dos artefactos produzidos.

As peças de mobiliário egípcio são, em regra, muito elegantes e requintadas, mas a nossa atenção não deve, porém, ser conferida apenas ao seu lado estético-simbólico. Aquilo que pretendemos neste texto é justamente estender o olhar para a vertente técnica: que métodos, que ferramentas, que processos foram empregues para a sua elaboração, e que dimensões práticas cumpriam, quer em contexto do quotidiano, quer em contexto funerário.

91

**Palavras-chave:** Mobiliário; matérias-primas; técnicas; ferramentas; ensambladuras.

***Abstract:** There are three aspects fundamental to our perception of the pieces of Egyptian furniture: the scarcity of good quality native wood, the technical skill of the Egyptian artisans and the weather conditions, favorable to the preservation of the produced artifacts.*

*The pieces of Egyptian furniture are, generally, very elegant and refined, but we shouldn't focus solely on their aesthetic and symbolism. With this text, we intend to widen our view of these pieces to the technical aspects: what methods, tools and processes were used in their making and what practical dimensions did they have, either in the quotidian life and in the funerary context.*

**Key-words:** Furniture; raw materials; technology; tools; assemblages.

Quando abordamos a problemática do mobiliário (*khetut*, *htwt*) no antigo Egipto e compulsamos a bibliografia da especialidade, mais genérica ou mais aprofundada, há dois ou três elementos que são normalmente mencionados e repetidos, tal a sua importância e centralidade para a abordagem do fenómeno, tanto de um ponto de vista natural como técnico- artístico.

Desde logo, o facto de, na Antiguidade, o Egipto ser um país pobre em espécies de árvores e de arbustos e, por consequência, deficitário em madeira ou produzindo madeira de qualidade medíocre, com composições demasiado fibrosas e com muitos nós e imperfeições<sup>1</sup>. Embora rareasse no Egipto, no que diz respeito a árvores de grande porte e a madeiras de qualidade e tivesse, por isso, em muitos casos, de ser importada (da Grécia, da Ásia Menor, do Líbano, do Norte de África, da Núbia e possivelmente da Índia), a madeira começou a ser trabalhada muito cedo, quer na construção naval, quer no fabrico de sarcófagos para depositar os mortos, quer obviamente no de peças de mobiliário<sup>2</sup>. Desde as épocas mais recuadas da história egípcia (Época Tinita) que nos chegaram excelentes trabalhos, atestando não só a utilização efectiva de diversos tipos da madeira, nativa e importada, como os conhecimentos e a mestria da execução técnica dos artífices egípcios<sup>3</sup>.

Por outro lado, a limitação de matéria-prima interna, em qualidade e em quantidade, e os elevados custos de recolha e de transporte de madeiras do exterior, sobretudo as madeiras

1 - Cf. M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto: identificaciones, usos e comercio. Reflexiones a partir de los objetos de las colecciones egipcias de Marsella, Amiens y Dijon*, Alicante: Universidad de Alicante, 2000, p. 2; C. LALOUETTE, *L'Art et la Vie dans l'Égypte Pharaonique*, Paris: Fayard, 1992, pp. 34, 35; R. GALE, P. GASSON, N. HEPPEL, G. KILLEN, «Wood», em P. T. Nicholson, I. Shaw (eds.), *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge: The Cambridge University Press, 2000, p. 334; G. KILLEN, «Furniture», em D. B. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, New York: Oxford University Press, 2001, pp. 580, 582.

2 - Sobre as espécies nativas egípcias e sobre as espécies importadas Cf. M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto* pp. 150-164 e 164-168, respectivamente. A acácia (*Acacia nilotica*, em egípcio *sndt*, *senedjet*) foi provavelmente a mais usada das madeiras nativas, havendo evidência da sua utilização desde o Período Pré-dinástico. A primeira madeira a ser importada foi o cedro (*Cedrus libani*, em egípcio *mry*, *meri*), proveniente do Líbano, como provam passagens da Pedra de Palermo. Da Ásia Menor (Síria) ou da Grécia chegava a madeira de pinho (*Pinus pinea*, em egípcio *prtšny*, *peret-cheni*). Do Norte de África era importado o freixo (*Fraxinus excelsior*, sem vocábulo egípcio conhecido), da zona da actual Turquia a madeira de carvalho (*Quercus cerris*, em egípcio *inrn*, *inren*) e da Núbia o ébano (*Diospyros ebenum* e *Dalbergia melanoxylon*, designado em egípcio *hbny*, *hebeny*) - Cf. G. KILLEN, *Egyptian Woodworking and Furniture*, Buckinghamshire: Shire Publications LTD, 1994, pp. 7, 8; M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto*, pp. 118, 126, 175; J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», em *Egyptian art in the age of the pyramids*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1999, p. 117; R. GALE, P. GASSON, N. HEPPEL, G. KILLEN, «Wood», pp. 334, 353.

3 - O túmulo da rainha Hetepheres (esposa de Seneferu, mãe de Khufu), da IV dinastia, Império Antigo, conservou-nos o seu elegante e luxuoso mobiliário funerário, com guarnições ou inscrições a ouro sobre um fundo de ébano, de que faziam parte, entre outros, um baldaquino (JE 72030), uma liteira (JE 52357), uma cama (JE 53261), uma poltrona (JE 53263) e um cofre (JE 53265), todos hoje expostos na sala 37, no rés-do-chão do Museu Egípcio do Cairo. A elegância, a simplicidade do *design* e o equilíbrio das proporções são as principais características deste mobiliário (Cf. G. KILLEN, *Egyptian Woodworking and Furniture*, pp. 30, 31; L. MANNICHE, *L'Art Égyptien*, Paris: Flammarion, 1994, p. 59; J. MÁLEK, *Egyptian Art*, London: Phaidon, 1999, pp. 150-152; J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, London: Phaidon, 2003, pp. 55; J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», pp. 117, 118; E. LEOSPPO, «Les meubles égyptiens. Les 'styles' de l'Ancien au Nouvel Empire. Tendances et innovations», em *Égypte, Afrique & Orient*, n° 3 - *Les meubles des Anciens égyptiens* - septembre, Avignon: Centre d'égyptologie d'Avignon, 1996, p. 16.).

duras e preciosas, de maior porte e dimensão, estimularam, desde cedo, o engenho egípcio nos métodos e nas técnicas de trabalho da madeira<sup>4</sup>. Porque rara, a madeira era preciosa e todo o pedaço exigia atenção e uma qualquer utilização. Os artesãos egípcios são, assim, elogiados por serem mestres na criação de ensambladuras extraordinariamente engenhosas e funcionais, em faixear ou folhear e contra-folhear<sup>5</sup>, em fazer encaixes, entalhes, montagens, embutidos, marchetados e incrustações<sup>6</sup>. De igual modo, conheciam e usavam a técnica da douragem a água sobre madeira (com ligas de ouro, prata e cobre) e o processo de «bater o ouro»<sup>7</sup>. A maior parte das técnicas «modernas» de trabalho da madeira eram já praticadas no Egípto antigo<sup>8</sup>.

Se as primeiras peças produzidas denotam uma certa sobriedade de linhas e severidade de estilo, que continuarão a manifestar-se até ao Império Médio, no Império Novo, como em muitas outras actividades, assiste-se no mobiliário a uma enorme profusão de formas e elementos: cadeiras e arcas pintadas ou incrustadas, camas finamente trabalhadas, bancos e tamboretas mais ou menos trabalhados e com formas múltiplas, cofres e caixas com incrustações de pedras semi-preciosas, tabuleiros e caixas do jogo *senet*, no fundo, todos os itens que tipicamente decoravam a casa de um alto funcionário da época.

Os primeiros trabalhos do Império Novo (reinados de Tutmés IV ou Amenhotep III) transmitem ainda a mesma ideia de sobriedade das épocas anteriores, mas, para o final do período, o mobiliário reveste-se de um charme, de um luxo, de um conforto e de um simbolismo que acabaram por ser a marca do próprio período<sup>9</sup>. O mobiliário tardio é, sem dúvida, mais

4 - Cf. M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto*, p. 179; J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», p. 117.

5 - Os faixeados ou folheados eram técnicas de revestimento das peças de marcenaria, normalmente executados em madeiras de qualidade com madeiras mais nobres. As faixas ou folhas, com diferentes espessuras, de finas lâminas até vários centímetros, eram colocadas a cobrir a superfície de base (Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto (contraponto entre o mobiliário egípcio e mobiliário português)», em *Hathor – Estudos de Egiptologia*, Lisboa: FCSH da UNL, 2002, pp. 85, 88).

6 - Embutir consistia em recortar e incrustar materiais ou madeiras de cores diferentes em cavidades escavadas previamente no suporte, com desenho equivalente. A espessura dos materiais embutidos variava entre os 2 e os 4 mm. Além da cola, os revestimentos eram fixos com cavilhas (de madeira ou marfim) ou com pequenas tachas ou cravos de cobre, prata ou ouro. Marchetar consistia em recortar e colar as peças de madeira ou de outros materiais que faziam o efeito decorativo, qual *puzzle*. Completado o painel e coladas as peças entre si, eram fixadas à estrutura que se pretendia revestir (Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», pp. 85, 88).

7 - Sobre as técnicas da douragem, Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», pp. 87, 88.

8 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, Paris: PUF, 1992, p. 121; C. LALOUETTE, *L'Art Égyptien*, Paris: PUF, p. 116; R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», pp. 84, 85, 103, G. KILLEN, «Furniture», p. 582.

9 - Os numerosos objectos do mobiliário funerário do faraó Tutankhamon, designadamente as suas três camas rituais (Museu Egípcio do Cairo: JE 62011; JE 62012 e JE 62013) de madeira entalhada e dourada, com figuras de divindades protectoras, e o trono em que aparece representado com a sua esposa, Ankhesenamon (Museu Egípcio do Cairo: JE 62028), são testemunhos eloquentes desta fase. Vide J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, pp. 207, 208 e 209; C. SAMOYAUULT-VERLET, «Mobiliier», *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, Paris: Enciclopædia Universalis/Albin Michel, 1998, pp. 253, 254; Cf. M. SALEH, H. SOUROUZIAN, *The Egyptian Museum Cairo. The official catalogue*, Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1987, p. 196; N. REEVES, *The Complete Tutankhamun. The king. The tomb. The royal treasure*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1990, pp. 146-149.

mediocre, embora igualmente abundante e variado<sup>10</sup>. A influência do mobiliário egípcio, não obstante, é perceptível em toda a bacia mediterrânica, designadamente na Judeia e na Grécia.

Uma outra nota ou referência habitual diz respeito às condições climáticas egípcias: se o clima particularmente seco do Egipto não encorajava os Egípcios a atravancarem as divisões das suas habitações com muito mobiliário, embora, naturalmente, precisassem de camas, cadeiras, tamboretos e outros móveis para guardar roupas e vitualhas (móveis simples adaptados à vida prática), essa mesma aridez do clima, óptima para a preservação dos materiais orgânicos, permitiu o excelente estado de conservação em que chegou até nós grande quantidade desses objectos fabricados em madeira, de modelos reduzidos ou até a sua representação nos túmulos, possibilitando-nos o contacto virtual (em pinturas e baixos-relevos tumulares, por exemplo) e real (em numerosos museus espalhados um pouco por todo o mundo) com muitas das peças do antigo mobiliário do tempo dos faraós<sup>11</sup>.

Estas três características (escassez de madeira de boa qualidade, mestria técnica dos artífices egípcios que trabalhavam a madeira e condições climáticas tendentes à boa preservação dos artefactos produzidos) são, portanto, por si mesmas, fundamentais para a nossa percepção do objecto artístico egípcio feito em madeira, designadamente as peças de mobiliário. Há, porém, ainda uma outra dimensão a que é preciso dar atenção para que o nosso olhar sobre os objectos produzidos no antigo Egipto seja o mais completo possível: talvez moldados excessivamente pelo nosso apreço estético e até espiritual pelas produções egípcias, tendemos muitas vezes a considerar o objecto produzido como documento histórico que nos ilustra outras realidades (a hierarquia social, a riqueza material, a variedade das formas e tipologias, o espólio funerário e arqueológico, etc.). Geralmente, vemos o objecto como «produto final», susceptível de nos elucidar sobre os vários contextos em que se integrava ou com que se articulava. Merece o nosso apreço pela sua elegância, requinte e aparência.

É preciso, todavia, olhar também o objecto produzido, neste caso o mobiliário egípcio, segundo a perspectiva das técnicas: que métodos, ferramentas e processos foram usados para fazer dele o elemento final tão merecedor do nosso apreço estético-espiritual. Simultaneamente,

---

10 - Além da diferente qualidade das produções dos móveis egípcios ao longo das épocas, houve, logicamente, uma diferenciação baseada na hierarquia social dos seus detentores (por exemplo, as cadeiras só se encontraram em habitações da classe média abastada), no seu contexto de utilização (palacial, templário, tumular) e no fim a que se destinava o mobiliário (uso quotidiano *versus* uso funerário).

11 - Cf. G. KILLEN, *Egyptian woodworking and furniture*, pp. 28, 31, 32; M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto*, p.1; L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier: comment un meuble devient mnx!» em *Égypte, Afrique & Orient*, nº 49 - *Les artisans égyptiens et leurs métiers (première partie)* - mars-avril-mai, Avignon: Centre d'égyptologie d'Avignon, 2008, p. 47; S. IKRAM, «Interpreting Ancient Egyptian Material Culture», em M. K. Hartwig, *A Companion to Ancient Egyptian Art*, Oxford: John Wiley & Sons Ltd, 2015, p. 176; S. GÄNSICKE, «Conservation of Egyptian objects. A review of current practices in the field and in Museum settings» em M. K. Hartwig, *A Companion to Ancient Egyptian Art*, Oxford: John Wiley & Sons Ltd, 2015, p. 529; J.-L. BOVOT, «Les meubles égyptiens du Musée du Louvre» em *Égypte, Afrique & Orient* nº 3 - *Les Meubles des Anciens égyptiens* - septembre, Avignon: Centre d'égyptologie d'Avignon, 1996, p. 8; C. LOEBEN, «La fonction funéraire des meubles égyptiens» em *Égypte, Afrique & Orient*, nº 3 - *Les Meubles des Anciens Égyptiens* - septembre, Avignon: Centre d'égyptologie d'Avignon, 1996, pp. 20, 21.

é necessário fazer emergir a dimensão primeira da produção, ou seja, a sua utilidade. Mais do que a aparência estética, o produtor egípcio procurava o desígnio da utilidade imediata da peça de mobiliário, fosse em contexto do quotidiano, fosse em contexto fúnebre (mobiliário funerário), muitas vezes convocando elementos cromáticos e simbólicos que auxiliavam na obtenção desses objectivos. É justamente como contributo para este olhar mais abrangente, que se alargue até à mão que deu vida aos objectos, que pretendemos aqui equacionar o nível técnico atingido, as matérias-primas e os processos de fabrico utilizados, ao mesmo tempo que acompanhamos a evolução das tipologias e das formas através do tempo e a sua diferenciação de acordo com os seus fins<sup>12</sup>.

### Características e tipologia do mobiliário egípcio

No antigo Egipto, como na vida moderna, a diferente condição social dos proprietários fez-se sentir no tipo e na qualidade de móveis com que dotavam as suas habitações do quotidiano e as suas «casas de eternidade» (*per-djet*). Desde logo, o acesso às madeiras era, à partida, condicionado pelo próprio estatuto socioeconómico de cada Egípcio: as pessoas das camadas sociais mais baixas e de condição social média mobilavam as suas habitações de forma muito simples, por vezes apenas com esteiras e elementos feitos de papiro (*Cyperus papyrus*), de junco e de cana, por norma mais acessíveis e mais baratos, embora sem permitir, porém, a execução de grandes trabalhos. Entre as madeiras nativas usadas podem citar-se os dois tipos de acácia, árvore da família das mimosáceas, muito vulgar ao longo do vale do Nilo (*Acacia nilotica* ou *Acacia arabica*, em egípcio *senedjet*, e a *Acacia tortilis*, em egípcio *kesebet*), o sicómoro (*Ficus sycomorus*, a que os Egípcios chamavam *nubet*), a palmeira-tamareira (*Phoenix dactylifera* ou, em egípcio, *beneret*), a palmeira *dum* (*Hyphaene thebaica*, chamada *mamá*), o tamariz ou tamargueira (*Tamarix* ou *iser*) e o salgueiro (*Salix subserrata* ou *teret*, em egípcio). Há igualmente trabalhos que chegaram até nós feitos com madeiras de zimbro (*Juniperus phoenicea*, em egípcio *uan*), de perseia (*Mimusopis laurifolia*, chamada pelos Egípcios *chauab*) e de jujubeira (*Zizyphus spina-Christi*, *nebes* em egípcio)<sup>13</sup>.

Os mais altos dignitários podiam aceder a outras madeiras importadas, mais valiosas e mais resistentes às alterações provocadas por fungos e insectos e com níveis superiores de densidade e homogeneidade do grão: estão nesta categoria o cedro (*Cedrus libani*, em egípcio *ach* ou *mery*), o cipreste (*Cupressus sempervirens*<sup>14</sup>), o pinheiro (*pinus halepensis*, em egípcio *kedu*), o carvalho (*Quercus cerris* e *Quercus coccifera*, *ineren* em egípcio) e o ébano (*Dalbergia melanoxylon*, designado em egípcio *hebeny*, de onde

12 - Cf. E. LEOSPO, «Les meubles égyptiens» «Les «styles» de l' Ancien au Nouvelle Empire», p. 15; R. HENRI-QUES, «A técnica e o objecto», p. 84.

13 - G. KILLEN, *Ancient Egyptian Furniture*, vol. I (4000-1300 BC), Surrey: Arts & Philips Ltd., 1980. Vide R. GALE, P. GASSON, N. HEPPER, «Wood (Botany)», pp. 335-352, que apresentam todas as madeiras usadas no antigo Egipto, dispostas por ordem alfabética de família, género e espécie.

14 - Sem vocábulo até agora conhecido que o definisse no antigo Egipto.

deriva a nossa designação). Com elas faziam os portões e as portas das suas propriedades e habitações e alguns dos móveis com que as decoravam. Os tectos das salas destas habitações apoiavam-se em colunas de madeira, cuidadosamente aparelhadas e polidas com enxós, e eram feitos também com vigas de madeira, por cima das quais se colocavam outras pranchas de madeira. O mobiliário variava, pois, de importância e de qualidade consoante a riqueza material dos Egípcios.

Muito devedora do mundo das crenças, a produção de mobiliário no antigo Egipto não se restringia apenas ao mobiliário utilitário do Aquém, das casas seculares, na medida em que o Além exigia igualmente apropriados artefactos, destinados quer à celebração do culto quer à manutenção na dimensão extra-terrena das condições de vida e do *status* dos antigos Egípcios. Os marceneiros egípcios fabricavam, assim, mobiliário para os templos e para os túmulos: santuários, capelas, oratórios, sarcófagos, ataúdes, arcas, tamboretas, cadeiras, camas, mesas de oferendas, cofres, barcas, tronos, etc. O sarcófago, denominado em egípcio *keresu* ou *neb ankh*, isto é, «senhor da vida», no qual se conservava o corpo do defunto, constituía um elemento essencial do equipamento funerário e, como podemos observar ainda hoje em muitos museus, os antigos Egípcios chegaram a utilizar vários sarcófagos metidos dentro de outros, cuja forma e a matéria de construção podia ir da pedra à madeira, consoante as épocas<sup>15</sup>.

No caso dos móveis que as escavações arqueológicas encontraram dentro de túmulos, a sua interpretação é consensual: muitos teriam sido utilizados pelo falecido em vida (algumas peças apresentam traços de desgaste e de manifesta utilização), outros, porém, seriam fabricados de propósito para o fim ritual a que se destinavam, embora o costume de colocar objectos do quotidiano no túmulo só se tenha instituído formalmente no Império Novo<sup>16</sup>. A observação de cenas pintadas como as constantes nos túmulos de Cheikh Abd el-Gurna de Rekhmiré (TT 100)<sup>17</sup>, de Paury (TT 139)<sup>18</sup> ou de Ramose (TT 55), todos da XVIII dinastia<sup>19</sup>, mostram-nos vários servidores durante as procissões fúnebres transportando para o interior

---

15 - A generalização da utilização de sarcófagos rectangulares em madeira, cobertos de textos pintados, dá-se no Primeiro Período Intermediário. Os primeiros sarcófagos mumiformes surgem no Império Médio, mas o seu incremento verifica-se a partir do Segundo Período Intermediário (Cf. J. H. TAYLOR, *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*, London: The British Museum Press, 2001, pp. 214-243).

16 - Cf. G. KILLEN, «Furniture», p. 580; C. LOEBEN, «La fonction funéraire des meubles égyptiens», pp. 21, 24. Entre os dois níveis de utilização do mobiliário existiam substanciais relações de forma. As diferenças consistiam na qualidade de execução e nos motivos decorativos (Cf. E. LEOSPO, «Les meubles égyptiens», p. 15). Entre os artefactos do mobiliário funerário que denotam uma vocação puramente funerária podem arrolar-se, por exemplo, os sarcófagos, as caixas de vasos de vísceras e os *uchebtis* de madeira (Cf. C. LOEBEN, «La fonction funéraire des meubles égyptiens», p. 22).

17 - Cf. N. de G. DAVIES, *Paintings from the tomb of Rekh-Mi-Rêa at Thebes*, New York: Metropolitan Museum of Art, 1935, plate XXIV; P. E. NEWBERRY, *The life of Rekhmara. Vizir of Upper Egypt under Thotmes III and Amenhotep II (circa b.C. 1471-1448)*, Westminster, 1900, plates XXII.

18 - Cf. J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, pp. 162.

19 - Rekhmiré foi vizir durante os reinados de Tutmés III e Amenhotep II; Paury foi sacerdote *uab* de Amon e supervisor dos camponeses e de Amon no reinado de Amenhotep III, enquanto Ramose foi governador de Tebas e vizir durante os reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV.

das «casas de eternidade» numerosas peças de mobiliário (camas com encostos de cabeças, cadeiras, caixas, cofres, etc.).

Da mesma forma, as cenas de banquetes funerários que muitos túmulos dispõem dão-nos preciosas informações sobre o uso de determinadas peças de mobiliário, bem como da sua tipologia: os convivas, do sexo masculino ou feminino, sentam-se em cadeiras, de torneados e ergométricos espaldares, com almofadas mais finas ou mais espessas, com pernas torneadas, em geral terminadas em patas de animais, em bancos com diferentes tipos de travessas e de assentos (côncavos, direitos ou de dupla enseada) e em tamboretos de vários tipos. Um exemplo muito conhecido destas cenas de banquete é o túmulo de Nebamon, cujos fragmentos subsistem hoje, em lugar de destaque, no British Museum<sup>20</sup>. Particularmente interessante é a representação do proprietário do túmulo sentado num banco rebatível com encosto, de macio assento de couro branco e preto (EA 37979)<sup>21</sup>. Pode igualmente fazer-se referência ao túmulo do copeiro real de Amenhotep II, Suemnut, em Cheikh Abd el-Gurma (TT 92) ou ao túmulo dos escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), em El-Khokha, já na época de Amenhotep III/Amenhotep IV, que apresentam figurações similares, com a curiosidade dos homens, tal como no túmulo de Nebamon, se sentarem em bancos ou tamboretos, alguns desdobráveis, e as mulheres em cadeiras, mas, neste caso, sem espaldar, embora com confortáveis almofadas<sup>22</sup>.

Presentes no espólio funerário, usados na vida quotidiana do defunto e/ou destinados à sua vida extra-terrena, no além-túmulo, todas estas peças, muitas delas repletas de elementos simbólicos, permitem-nos um conhecimento da evolução e da tipologia do mobiliário. Assim, podemos dividi-los em duas grandes categorias: a primeira englobando os que servem de suportes (camas, encostos de cabeça, cadeiras, tamboretos e pequenas mesas), e a segunda os que se destinavam a guardar objectos (caixas vulgares, caixas de jogos, arcas, pequenos cofres para jóias, amuletos ou objectos de toucador).

Uma outra proposta de classificação dos móveis, também em duas grandes categorias, divide-os naqueles que se assemelham a edifícios, com um acentuado carácter arquitectural (onde se incluem os santuários, alguns cofres e as mesas) e nos teriomorfos ou zoomorfos, isto é, aqueles cuja gramática plástica é retirada de formas animais (principalmente do leão, dos touros e das aves). Neste grupo incluem-se os tronos, as camas e as cadeiras (móveis concebidos para suportar o corpo humano sentado ou deitado)<sup>23</sup>.

---

20 - Cf. J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, pp. 159; R. PARKINSON, *The painted tomb-chapel of Nebamun. Masterpieces of ancient Egyptian art in the British Museum*, London: The British Museum Press, 2009, pp. 57, 70, 72-77, 87-89; N. STRUDWICK, *Masterpieces of ancient Egypt*, London: The British Museum Press, 2006, pp. 172-174. Vide também L. MANNICHE, «The so-called scenes of daily life in the private tombs of the Eighteenth Dynasty: an overview», em N. Strudwick e J. Taylor (eds.), *The Theban Necropolis. Past, present and future*, London: The British Museum Press, 2003, pp. 42-45.

21 - Cf. N. STRUDWICK, *Masterpieces of Ancient Egypt*, p. 174.

22 - Cf. N. de G. DAVIES, *The tomb of two sculptors at Thebes*, New York: Metropolitan Museum of Art, 1925, plates VI e VII; N. M. DAVIES, *Ancient Egyptian Paintings*, vol. II - plates LIII-CIV, Chicago: The University of Chicago Press, 1936, plate LXI; N. M. DAVIES, *Ancient Egyptian Paintings*, Vol. III – *Descriptive Texts*, Chicago: The University of Chicago Press, 1936, pp. 116, 117.

23 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, pp. 121, 122; E. LEOSPPO, «Les meubles égyptiens», p. 15.

A principal peça do mobiliário egípcio, a que os antigos Egípcios conferiam particulares marcas de refinamento, era a **cama** (em egípcio *hati, h<sup>r</sup>ti*)<sup>24</sup>. Como objecto de mobiliário, a cama é, em si mesma, um signo de civilização e um autêntico artigo de luxo só ao alcance dos mais ricos. Embora seja de supor que a maioria da população egípcia não usava camas, os indivíduos da camada social mais alta, justamente como sinal de civilização e de estatuto, dormiam em sumptuosas camas. Constituídas por um caixilho ou armação de madeira (cujo centro era formado por elementos vegetais entrelaçados em espiga – empalhamento –, fixo à estrutura com tiras de cabedal), com ilhargas de tela, as camas, de forma claramente côncava, eram suportadas por pés, feitos de vários materiais (marfim, ébano, etc.), reproduzindo as patas de animais (leões ou touros), e tinham cabeceiras, mais ou menos elevadas, em madeira talhada ou decorada com embutidos.

Alguns leitos eram muito mais altos na parte dos pés (barra do leito) e não na cabeceira, como sucede actualmente com a maioria das nossas camas. Os pés em patas e garras de leão (inicialmente associadas magicamente à natureza divina do soberano) simbolizavam o Sol, cujo ciclo diário ilustrava o perpétuo renascer, neste caso associado ao acordar do utilizador da cama<sup>25</sup>. As camas egípcias eram completadas com o uso de colchões, como podemos ver no desfile funerário representado no túmulo de Ramose, a que fizemos alusão. Além da protecção contra eventuais cordados rastejantes ou de pequena estatura e de artrópodes típicos da fauna egípcia, a cama era também lugar de conforto e descanso para o corpo.

Os **encostos de cabeça**, chamados em egípcio *ueres (wrs)*, eram, como o próprio nome indica, suportes para a cabeça enquanto se dormia. Usados na vida quotidiana, eram pequenos socos de madeira ou pedra, com um suporte vertical, por vezes estriado, cuja parte superior era encurvada em meia-lua para receber a nuca ou o espaço entre o ombro e a face do utilizador, quando deitado de lado, muitas vezes ornados com inscrições (por exemplo, o nome do seu utilizador ou frases adequadas à sua função, isto é, desejando um sono tranquilo e retemperador) ou imagens de figuras benfazejas e protectoras. Estavam, pois, dotados de uma suplementar eficácia mágico-simbólica.

Os encostos de cabeça participavam das duas categorias enunciadas: a sua forma «colunada», simples ou múltipla, com ou sem ábaco, sobre um pedestal rectangular ou elipsoidal dá-lhe uma configuração arquitectural; os motivos exteriores são por vezes teriomorfos ou antropomorfos (como as mãos que suportam a parte superior em meia-lua)<sup>26</sup>.

Esta importante peça do mobiliário dos antigos Egípcios podia ser forrada com tecido (linho) para se tornar mais macia e confortável, sobretudo a parte que entrava em directo contacto com a cabeça, face ou pescoço do utilizador. Nalguns túmulos encontraram-se

24 - Cf. J.-L. BOVOT, «Les meubles égyptiens du Musée du Louvre», p. 8.

25 - As camas de Tutankhamon a que fizemos alusão na nota 9, não eram camas do quotidiano, mas sim camas rituais usadas em contexto fúnebre: no decurso das cerimónias fúnebres rituais, ao ser colocado nesse tipo de cama, com ilhargas constituídas pelos corpos de deusas leontocéfalas, o cadáver era posto em contacto directo com a divindade e garantia, assim, a sua ressurreição no Além.

26 - Cf. E. LEOSPO, «Les meubles égyptiens», p. 16.

encostos de cabeça feitos de ouro, prata ou *electrum* (ex.: no da rainha Hepetheres). Um encosto de cabeça encontrado no túmulo de Tutankhamon (nº 403c) era de marfim<sup>27</sup>. Podiam ainda ser fabricados com outros materiais: faiança, terracota ou calcário<sup>28</sup>.

Aparentemente incómodos, os *ueres* egípcios parecem, ao contrário, segundo estudos de fisiologistas, ter tido, devido precisamente à sua particular ergonomia, um papel benéfico sobre a coluna vertebral de quem dormia na posição que eles implicavam.

Como o defunto também necessitava de repousar no Além, encontraram-se muitas camas, com os respectivos acessórios, em túmulos egípcios. Nelas podemos verificar desenhos incisos ou em relevo, representando figuras apotropaicas, como o deus Bés e a deusa Taueret, as duas divindades protectoras do sono e dos sonhos. Também não faltam os encostos de cabeça, decorados com bom gosto, com signos *uadj* («rejuvenescer», «renascer»), além das divindades referidas (Bés e Taueret). É, no fundo, a mesma dimensão mágico-simbólica dos encostos de cabeça usados em vida. Muitos têm o nome do proprietário e epítetos como *maekheru*, «justo de voz» ou «justificado», numa alusão ao julgamento favorável do defunto no Tribunal de Osíris. Na base dos encostos de cabeça reais estão gravados vários dos títulos do faraó e o estereotipado desejo de «vida, saúde e força» (*ankh, uadja, seneb*). Este elemento do mobiliário funerário relacionava-se, portanto, com a ressurreição e a força mágica que concentrava fê-lo ser frequentemente modelado como amuleto.

No Egito antigo, as **cadeiras de uso doméstico** (*keniu, kniw, ou hetemet, htmt*), com pés direitos (muito semelhantes às actuais) ou em X, eram, naturalmente, muito abundantes, mas eram outro dos artigos de luxo, reservado aos de maiores poses económicas. A cadeira era um símbolo do grau de importância e de *status* do indivíduo. Muitos museus dispõem de exemplos notáveis<sup>29</sup>. Esta ideia é também atestada pela iconografia tumular onde o(s) proprietário(s) do(s) túmulo(s) aparecem muitas vezes sentados (já de si uma marca de distinção e prestígio na escala socio-administrativa) em bonitas cadeiras ou poltronas. A dimensão superior dessas figuras e o estrato em que, por vezes, assentam as próprias cadeiras ajudam a ampliar esta importante ideia da representação figurada egípcia que quem está sentado tem uma maior importância hierárquica na cena. No caso dos faraós, algumas destas cadeiras, figuradas ou reais que chegaram até nós, são hoje autênticas obras-primas do mobiliário<sup>30</sup>.

---

27 - Representava o deus Chu, de joelhos, segurando a parte semicurva do encosto, o elemento superior, e estava decorado na base com dois leões, representando os horizontes oriental e ocidental. É composto de duas partes, unidas sob o peito do deus Chu, através de uma peça rectangular de madeira colocada dentro do corpo oco da divindade. As três peças são fixadas por quatro pregos de ouro. Os detalhes em baixo-relevo são acentuados por um pigmento negro que confere à peça um requintado acabamento Cf. N. REEVES, *The Complete Tutankhamun*, p. 183.

28 - No Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, é possível observar um encosto de cabeça de madeira (nº de catálogo 218; nº de inventário E 138), do Império Antigo (VI dinastia), com 20 cm de altura e 18 cm de largura, formado por três peças unidas entre si por pequenas cavilhas em madeira (Cf. *Antiguidades Egípcias*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1993, p. 309).

29 - No caso do Museu do Louvre, citem-se as cadeiras E 14437, N 2950 e E 27126 (Cf. J.-L. BOVOT, «Les meubles égyptiens du Musée du Louvre», p. 8).

30 - Cf. J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, pp. 206 (cadeira de madeira de Tutankhamon, folheada a ouro, com

Cronologicamente, a cadeira egípcia surgiu na II dinastia e, em regra, era um objecto de mobiliário baixo, com uma altura até ao assento de 20-25 cm, embora existam exemplares (representados e reais) com cerca de 40 cm. As costas das cadeiras, geralmente com 55-60 cm, eram, por vezes, ligeiramente curvas «para fora» para melhor suportarem a coluna dorsal. O ângulo de inclinação é variável, mas sempre que é superior a 90° graus implica a introdução de traves verticais na estrutura traseira das cadeiras. Havia uma tipologia variada de cadeiras: de espaldar baixo, desdobráveis, altas, com escabelo, etc.<sup>31</sup> Um interessante pormenor que é praticamente visível em todas as representações iconográficas de cadeiras a duas dimensões durante todo o período dinástico, como já mencionámos atrás, é o uso de almofadas sobre os assentos de madeira, tornando-os, assim, sobretudo no caso dos espaldares à altura da cintura, mais confortáveis e aprazíveis.

As chamadas «cadeiras duplas» parecem não ter existido no antigo Egipto. De facto, nenhum desses assentos duplos chegou até aos nossos dias e o conhecimento que deles pode existir baseia-se nas representações bidimensionais de determinadas pinturas tumulares. No entanto, parece haver uma «confusão» nessas representações que não mostrariam cadeiras duplas, mas sim duas cadeiras iguais, simples, lado a lado.

Os **tamboretetes** ou **bancos** (*herit*, *hryt*), cujo uso parece remontar ao período pré-dinástico, eram geralmente baixos e simples, podendo ter, como vimos, assentos côncavos direitos ou de dupla enseada, de pele, de madeira ou de entrançados de junco. Havia também bancos com o assento em linho ou couro. O tratamento dado às pernas dos bancos podia variar entre o quadrangular, sem efeitos, e o cilíndrico, trabalhado, com ou sem travessas, terminando, por vezes, em patas leoninas. As madeiras de qualidade superior podiam ser embutidas com incrustações em marfim (muito habitual no ébano)<sup>32</sup>. Nas madeiras de qualidade inferior era aplicada uma camada de estuque branca, que depois se pintava, terminando o acabamento com uma aplicação de verniz para proteger a cor e a própria madeira<sup>33</sup>.

O banco era um objecto de uso prático, por ser, por natureza, mais leve, transportável, de mais fácil, rápida e acessível execução. É, por isso, a peça de mobiliário egípcio mais comum. O seu uso estava, portanto, mais generalizado, justificando-se, assim, também, a enorme quantidade de exemplares que chegaram até nós e que muitos museus exibem. Quanto aos seus tipos, pode apontar-se essencialmente para os fixos e os dobradiços, com enormes variantes entre si, apresentando muitos quatro pernas de forma leonina, finamente talhadas ou não. Bancos com três pernas (trípodes) eram particularmente populares entre artesãos e trabalhadores do Novo Império, como atestam numerosas pinturas tumulares, oferecendo a vantagem de se manterem firmes mesmo nas superfícies mais irregulares<sup>34</sup>.

---

incrustações de pedras semipreciosas, faiança pasta e vidro e marfim).

31 - Cf. N. STRUDWICK, *Masterpieces of Ancient Egypt*, p. 174 (cadeira de Nebamon, de elegante espaldar, confortável assento e dinâmicas linhas).

32 - Cf. N. STRUDWICK, *Masterpieces of Ancient Egypt*, pp. 196, 197.

33 - Cf. A. M. D. ROVERI, *Museu Egizio*, Torino: Barisone Editore, s.d., p. 33.

34 - Cf. G. KILLEN, «Furniture», p. 581.

Nos bancos de quatro pernas cruzadas em «X», duas a duas (bancos dobradiços<sup>35</sup>), estas eram normalmente fixadas ao centro com uma cavilha ou um espigão (que podia ser em ouro nos casos de bancos reais<sup>36</sup>) sobre braçadeiras cilíndricas, cujos topos normalmente eram também trabalhados, reforçando o ponto de sobreposição. Há exemplares em que as traves cilíndricas que assentavam no chão eram «agarradas» pelas pernas do banco que terminavam em bicos abertos de cabeças de pato/ ganso (com finas incrustações de elementos de marfim).

No antigo Egipto, a representação do homem sentado expressava, portanto, o seu elevado nível social e a cadeira era o objecto de mobiliário preferido em funções oficiais. O hieróglifo que o representa (Gardiner A51) faz parte da palavra *chepes* que significa «nobre», «rico», «venerável». Também a palavra *chepessu*, «riqueza», é construída com o mesmo signo hieroglífico<sup>37</sup>.

O espaldar do trono de Tutankhamon (JE 62028) é, neste aspecto, muito interessante, na medida em que, na representação do faraó e da esposa que contém, aquele surge sentado, descontraidamente, numa cadeira-trono; ou seja, o trono regista uma linguagem emblemática reforçada de grande significado: o ser que nele se senta é, indubitavelmente, a mais importante personalidade do Egipto<sup>38</sup>.

Nas representações bidimensionais pintadas no interior de certos túmulos e no espólio funerário de Tutankhamon encontram-se também várias **arcas** (*hedem*, *hdm*) destinadas essencialmente à guarda de vestuário, artefactos e alimentos<sup>39</sup>. A designação pode ser usada em sentido mais restrito (nesse caso designando apenas os receptáculos de porte médio ou elevado) ou mais amplo (nesse caso abrangendo uma enorme variedade de cofres e caixas, de maiores ou menores dimensões). Os exemplares mais antigos encontrados no Egipto, em Nag el-Deir, perto de Abidos, datam do período pré-dinástico<sup>40</sup>.

Independentemente do seu tamanho e das suas formas (mais arredondadas, rectangulares ou quadrangulares), com os pés altos ou baixos, gavetas ou compartimentos, dotadas de dispositivos de abertura, dobradiças, puxadores e maçanetas, travessas e travejamentos ou outros elementos arquitecturais (por exemplo, cornijas), simples ou com incrustações e

35 - Também designados assentos articulados, assentos de encartar ou assentos com pernas em «X» (Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», p. 99).

36 - Cf. Z. HAWASS, *The golden king, The world of Tutankhamun*, Cairo, New York: The American University in Cairo Press, 2006, pp. 132, 133.

37 - Cf. E. LEOSPO, «Les meubles égyptiens», p. 17; A. GARDINER, *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3ª ed., Oxford: Griffith Institute, 1982, p. 441.

38 - Cf. Z. HAWASS, *The golden king, The world of Tutankhamun*, pp. 52, 53; N. REEVES, *The complete Tutankhamun*, p. 184.

39 - Entre as várias arcas encontradas no túmulo de Tutankhamon e hoje expostas no Museu Egípcio do Cairo merecem destaque as seguintes: JE 61476, JE 61468, JE 61467, esta última, de tampo abaulado, com cenas de caça e de batalha entre Tutankhamon e os Sírios e os Núbios, dois dos potenciais inimigos do Egipto, a norte e a sul, na época da XVIII dinastia, com os seus cerca de 33.000 pedaços individuais colados à estrutura, num testemunho extraordinário da utilização do marchetado (Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», p.88; J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, p. 204; N. REEVES, *The Complete Tutankhamun*, pp. 188-189; Z. HAWASS, *The Golden King, The world of Tutankhamun* pp. 112, 113).

40 - Cf. G. KILLEN, *Ancient Egyptian Furniture: boxes, chests and footstools*, Warminster: Aris & Phillips, 1994, p. 1.

entalhes, a finalidade específica das arcas, cofres e caixas era, portanto, o armazenamento de objectos e/ou produtos<sup>41</sup>.

Por curiosidade, registre-se que no Egípcio não existiam mesas grandes, de tipo familiar. Os Egípcios comiam sós ou a dois, colocando os alimentos em cima de pequenas mesinhas de centro (*mecher, mšr*), ligeiras, de forma oval ou quadrangular, portáteis, com três ou quatro pés, feitas de madeira, de pedra ou de metal. As operações de culinária não eram praticadas em mesas ou «bancadas» de cozinha: para o efeito, usava-se habitualmente o chão.

A mesa, como a cama, é um signo de civilização. Do ponto de vista técnico, as mesas egípcias apresentam um *design* extremamente simples, com pernas e traves de sustentação e com tampos rectangulares. Por vezes para obter a tábua do tampo era necessário recorrer a juntas de arestas simples, assentando sobre respigas saídas das pernas das mesas.

Para os «amantes do jogo», nomeadamente do célebre *senet*, era possível incluir no seu mobiliário doméstico pequenas **mesas de jogo**, transportáveis para qualquer lugar da habitação. Algumas assentam em bases-trenó, sugerindo justamente essa fácil e rápida deslocação de um lado para outro (como as nossas mesinhas de rodas)<sup>42</sup>. Os tabuleiros e as caixas de jogo podiam ser enriquecidos com incrustações de metais (ouro), pedras preciosas, semipreciosas, faiança ou embutidos de outras madeiras ou materiais (ex.: marfim).

Esta particular peça de mobiliário é também profusamente representada na arte parietal tumular. A título de exemplo citem-se os túmulos de Nefertari (QV 66), Sennedjem (TT 1), Nebenmaet (TT 219), Neferrenpet (TT 178) e Petosiris (em Tuna el-Guebel), onde os proprietários dos túmulos, sós (Nefertari e Herihor) ou acompanhados por amigos (Petosiris) ou pelas esposas (os restantes), jogam, entretidos no Além, uma partida de *senet*. Cenas similares podem ser encontradas em vinhetas de papiros (ex. papiro de Herihor ou papiro de Ani). Nestas representações, o apoio para os tabuleiros varia, sendo, porém, o mais frequente um tipo de banquetta elevada, com travessas laterais e oblíquas, seguramente muito leve e transportável.

## O trabalho da madeira: ferramentas, métodos e técnicas de trabalho

Como já referimos, as representações iconográficas encontradas em túmulos do antigo Egípcio permitem-nos conhecer de forma bastante detalhada o trabalho da madeira, desde a fase

41 - Observem-se as várias caixas e cofres representados na capela-túmulo de Nebamon em N. M. DAVIES, *Ancient Egyptian Paintings, Vol. II*, plate LXVII, em R. PARKINSON, *The painted tomb-chapel of Nebamun*, pp. 93, 95, 97, 102, 104, 107; e em N. STRUDWICK, *Masterpieces of ancient Egypt*, p. 175. Uma bonita caixa pintada para roupa branca do túmulo do arquitecto Kha (TT 8, em Deir el-Medina) e outra para produtos e objectos de cosmética, hoje no Museu Egípcio de Turim, podem ser vistas em A. M. D. ROVERI, *Museo Egizio*, pp. 41 e 33, respectivamente. Vide também C. LOEBEN, «La fonction funéraire des meubles égyptiens», p. 23. Em relação aos exemplares de caixas e cofres exibidos pelo Museu do Louvre são de destacar as peças N 2915, N 2918, N 2635, E 5366, E 2773, E 11896. Podem ainda acrescentar-se as caixas para cosméticos E 14657 e E 11071 (Cf. J.-L. BOVOT, «Les meubles égyptiens du Musée du Louvre», pp. 10, 11).

42 - Está neste caso um conhecido jogo *senet* do faraó Tutankhamon (JE 62058). Cf. J. MÁLEK, *Egypt. 4000 years of art*, p. 211; N. REEVES, *The Complete Tutankhamun*, p. 161. Um outro tabuleiro-caixa jogo *senet*, sem bases-trenó, foi também encontrado no KV 62, feito de ébano e marfim, possuindo uma gaveta para arrumar as peças de jogo (Cf. Z. HAWASS, *The Golden King, The world of Tutankhamun*, p. 124).

do abate das árvores (obtenção da matéria-prima) até ao polimento final das peças, passando pelas diferentes fases das operações de carpintaria e marcenaria (fase da transformação), pelo conhecimento das diversas ferramentas usadas, dos métodos e técnicas ao dispor dos artesãos da madeira e até da própria organização do trabalho.

Sem sermos exaustivos, entre as fontes documentais iconográficas sobre o trabalho da madeira podemos arrolar as cenas do túmulo de Ti, em Sakara (VI dinastia), a maquete de madeira representando uma carpintaria (*uekherit*) encontrada no túmulo de Meketré (TT 280), em Deir el-Bahari (XI dinastia), cenas dos túmulos do vizir Rekhmiré (TT 100), em Cheikh Abd el-Gurna, e dos carpinteiros-escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), em El-Khokha, ambos da XVIII dinastia<sup>43</sup>, ou os baixo-relevos do pronaos do túmulo de Petosírís, em Tuna el-Guebel (início do período ptolomaico).

Na mastaba de Ti, entre muitas outras cenas em que os artesãos usam serras, serrotes, formões, maços e furadores, está representada uma interessante cena em que munido de uma enxó um artesão procede à aparelhagem de um robusto tronco, acompanhado por dois outros munidos de machados de compridos cabos e lâminas arredondadas, naquela que podemos identificar como uma das fases prévias obrigatórias do trabalho da madeira, embora neste contexto mais relacionada com a construção naval do que com a produção de mobiliário<sup>44</sup>.

A pequena maquete de madeira encontrada no túmulo de Meketré (hoje na sala 27 do Museu do Cairo – JE 46722) reproduz vários artesãos dedicados a várias actividades numa oficina de carpinteiro e onde aparecem também muitas das suas ferramentas e das seus utensílios de trabalho<sup>45</sup>. O túmulo tebano dos carpinteiros-escultores Nebamon e Ipuki dá-nos também uma ideia das técnicas e dos instrumentos de trabalho utilizados<sup>46</sup>. As cenas do túmulo de Rekhmiré constituem um verdadeiro catálogo das actividades e fases artesanais do trabalho da madeira e da construção de mobiliário, sendo de salientar igualmente a atenção dada à reprodução das próprias ferramentas de trabalho, nomeadamente os machados, as serras e o arco de pua<sup>47</sup>.

Na parede norte do pronaos do túmulo de Petosírís (reverso da fachada do túmulo), os dois registos inferiores de cada painel do lado este do portal de entrada (cenas 44, 45, 49 e 50) mostram-nos as tarefas dos marceneiros especialistas no trabalho da madeira. Ajoelhados,

---

43 - Como já referimos, Rekhmiré viveu na época dos faraós Tutmés III e Amenhotep II, enquanto Nebamon e Ipuki viveram durante os reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV/Akhenaton.

44 - Cf. G. STEINDORG, *Das Grab des Ti*, Leipzig: Hinrichs'sche Buchhandlung, 1913, Tafel 119, 120, 132, 133; G. KILLEN, *Egyptian woodworking and furniture*, p. 33. Vide também P. P. CREASMAN, «Ship Timber and the Reuse of Wood in Ancient Egypt», em *Journal of Egyptian History*, 6, Leiden: Brill, 2003, pp. 151-176.

45 - Madeira estucada e pintada. Alt.: 26,5 cm. Lado: 66 cm. Larg.: 52 cm; Cf. M. SALEH, H. SOUROUZIAN, *The Egyptian Museum Cairo. The official catalogue*, pp. 114 e 118; A. M. J. TOOLEY, *Egyptian models and scenes*, Buckinghamshire: Shire Publications LTD, 1999, p. 43.

46 - Cf. N. de G. DAVIES, *The tomb of two sculptors at Thebes*, plates XI-XIV; N. M. DAVIES, *Ancient Egyptian Paintings*, Vol. II plate LXII; N. M. DAVIES, *Ancient Egyptian Paintings*, Vol. III, pp. 118, 119.

47 - N. de G. DAVIES, *Paintings from the tomb of Rekh-Mi-Rêa at Thebes*, plate XXII (parede sul da câmara interior); P. E. NEWBERRY, *The Life of Rekhmara*, plates XVII e XVIII.

acocorados ou sentados, fabricando mobiliário com todas as ferramentas (arcos de pua, tornos, enxós, formões, raspadores...), executam as técnicas inerentes ao tratamento dos materiais, designadamente as perfurações e a incrustação com metais (ouro e prata)<sup>48</sup>. Numa das cenas (cena 44), um dos marceneiros segura um curioso encosto de cabeça, de madeira, composto por três elementos verticais<sup>49</sup>.

A atenta observação destes documentos históricos permite dividir o processo de transformação da madeira em quatro fases: a selecção e abate da espécie vegetal, a secagem dos troncos obtidos, a transformação efectiva em mobiliário, com as respectivas técnicas e ferramentas, e, por fim, o acabamento do mobiliário<sup>50</sup>. É, porém, raro encontrar representações que abranjam todas as fases, do corte das árvores ao acabamento das peças<sup>51</sup>. O trabalho da madeira propriamente dito era, portanto, antecedido da incontornável escolha da árvore, de acordo com a(s) peça(s) que se pretendia(m) construir. Para não danificar a madeira com a queda das árvores, sobretudo no caso das de maior envergadura, era prática comum usar técnicas para contrariar a queda e corrigir o ângulo. Com esse objectivo, usavam-se cordas, manejadas pelos trabalhadores encarregues do corte e seus auxiliares<sup>52</sup>. Para o corte das árvores e arbustos usavam-se, como podemos ver no caso da mastaba de Ti ou no túmulo de Rekhmiré<sup>53</sup>, diferentes tipos de machados (*mibet*, *mibt*), formados por cabos mais ou menos compridos de madeira e por lâminas de metal (de cobre, de bronze ou de ferro, de acordo com as épocas históricas), de formato arredondado ou quadrangular, sobretudo a partir do Império Novo<sup>54</sup>. As árvores representadas são sempre de pequeno porte.

48 - Cf. G. LEFEBVRE, *Le Tombeau de Petosiris*, Volume III. Troisième Partie: *Vocabulaire et Planches*, Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1923, Pl. X e XI; N. CHERPION, J.-P. CORTEGGIANI, J.-F. GOUT, *Le Tombeau de Pétosiris à Touna el-Gebel. Relevé photographique*, Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 2007, pp. 44, 45.

49 - Cf. N. CHERPION, J.-P. CORTEGGIANI, J.-F. GOUT, *Le Tombeau de Pétosiris à Touna el-Gebel. Relevé photographique*, p. 44.

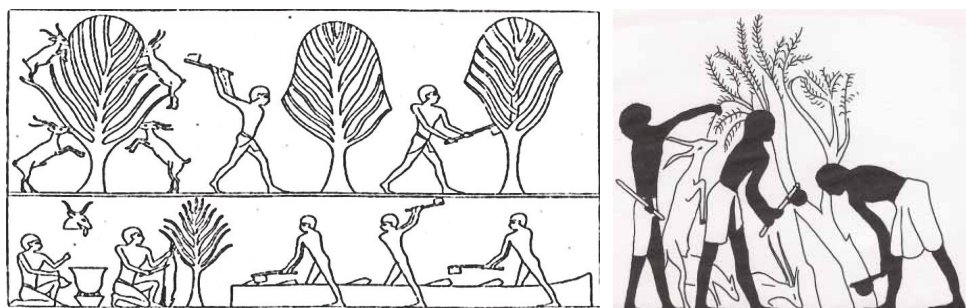
50 - Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 48; A. PATRÍCIO, *O mobiliário do antigo Egipto no Império Novo. Análise material e simbólica*, dissertação de mestrado em História – especialização em Egiptologia, Lisboa: F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 2014 (exemplar policopiado), p. 30.

51 - L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 48; G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 353.

52 - Cf. G. KILLEN, «Woodworking» em D. B. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 3, New York: Oxford University Press, 2001, p. 516; G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 354.

53 - Cf. G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 353; e L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 49, que mencionam vários túmulos onde está representada a cena do abate de árvores.

54 - Cf. M. V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto*, p. 196; Cf. G. KILLEN, «Le travail du bois...», p. 4, 6. Praticamente até à época de Nagada III, utilizavam-se elementos de sílex para trabalhar a madeira, até que o cobre foi introduzido, logo na I dinastia. Durante o Império Médio é, por sua vez, introduzido o bronze (proveniente do Sinai) e usado, a partir de então, para o fabrico de numerosas ferramentas, com enorme repercussão no fabrico do mobiliário que se passa a caracterizar por uma grande qualidade técnica. Na lista de Gardiner, os machados surgem nos signos T7 e T7a (Cf. A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 511).



**Figuras 1 e 2.** O abate das árvores. Cenas dos túmulos de Niankhpepi, em Zauiet el-Maietin (VI dinastia) e de Khnumhotep III (BH3), em Beni Hassan (XII dinastia).

Os antigos Egípcios preferiam cortar a madeira ainda verde, provavelmente devido à superior maleabilidade que a mesma apresentava nessa fase da sua maturação e ao menor esforço que, por isso, exigia na serração<sup>55</sup>. Através de um processo simples, ainda hoje usado nas serrarias mais artesanais, as placas eram secas ao ar, encostadas verticalmente a uma parede<sup>56</sup>. Os troncos cortados, cujo transporte surge em determinadas cenas tumulares (ex. túmulo do nomarca Ibi, da VI dinastia, em Deir el-Gebraui, no Médio Egípto<sup>57</sup>), eram deixados a secar, pois os Egípcios sabiam que com a secagem se evitavam os problemas criados pela contracção da madeira húmida, verde, e, dessa forma, as pranchas a obter posteriormente não se quebravam nem deformavam<sup>58</sup>. A secagem era uma operação que aumentava a resistência da madeira contra infestações de fungos ou insectos da madeira.

Quase sempre, a transformação dos troncos em tábuas exigia a intervenção de serras (*tef*), de vários tamanhos, geralmente com os dentes de corte dispostos ou orientados numa só direcção<sup>59</sup>. Se o tronco a cortar era relativamente grande, era convenientemente atado, com cordas, a um poste fixado no solo e, por vezes, juntava-se um contrapeso (em geral, uma pedra), preso à corda, para permitir um trabalho regular, adequado<sup>60</sup>. À medida que o corte ia progredindo para baixo, as cordas eram reajustadas de forma a permitir o integral corte do tronco. Esta cena surge na mastaba de Ti (com contrapeso) e na de Rekhmiré (sem contrapeso). Cena similar (sem contrapeso) surge igualmente no túmulo de Nebamon e Ipuki

55 - A madeira verde permitia, ainda, os encurvamentos desejados para determinadas peças. Se não fosse nessa fase, os encurvamentos só se conseguiam cozendo a madeira, para que adquirisse alguma plasticidade, ou colocando-a sobre vapor, pressionando de forma firme e insistente até obter a curvatura pretendida. Esta técnica exigia muita habilidade e paciência (Cf. R. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», p. 103).

56 - Cf. G. KILLEN, «Le travail du bois et ses techniques dans l'Égypte ancienne», em *Égypte, Afrique & Orient* nº 3 - *Les meubles des Anciens égyptiens* - septembre, Avignon: Centre d'égyptologie d'Avignon, 1996, p. 4.

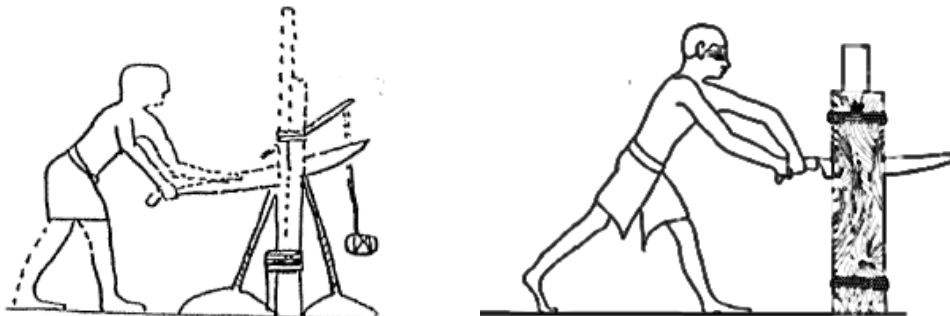
57 - Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 49,

58 - Cf. G. KILLEN «Wood (Technology)», pp. 354, 355.

59 - Cf. G. KILLEN, «Le travail du bois...», p. 3.

60 - Cf. J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», p. 118; G. KILLEN (Technology), «Wood», p. 354; G. KILLEN, «Woodworking», p. 517; L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 50; Cf. G. KILLEN, «Le travail du bois...», p. 3.

(TT 181), da XVIII dinastia, em El-Khokha. A maquete de madeira do túmulo de Meketré de uma oficina de carpinteiro que mencionámos atrás mostra também esta acção do corte com poste, neste caso a três dimensões. Para reduzir a perda de matéria-prima ao mínimo, os troncos eram preferencialmente cortados em secções paralelas.



**Figuras 3 e 4.** Cortando a madeira.

Cenas dos túmulos de Iteti (VI dinastia), em Dechacha (com contrapeso) e de Rekhmiré (TT 100), XVIII dinastia, em Cheikh Abd el-Gurna (sem contrapeso).

Obtidas essas secções de madeira de menor dimensão, com a imprescindível ajuda da enxó (*nut* ou *ânet*), a principal ferramenta de carpintaria e símbolo do carpinteiro (*medeh* ou *medjeh*, *mdh* ou *mdh*), rectificavam-se imperfeições e aparelhavam-se e preparavam-se as pranchas para as posteriores tarefas do trabalho<sup>61</sup>. Estas pequenas «enxadas», planas, de lâmina de bronze larga e curva, de gume simples ou duplo, presas ao cabo por correias de couro ou de linho, serviam para desbastar os troncos em bruto ou para as ajustar as peças de madeira, de forma mais cuidada, mais fina, noutras fases mais adiantadas do trabalho<sup>62</sup>.



**Figuras 5 e 6.** Usando a enxó  
Cenas dos túmulos de Rekhmiré (TT 100).

61 - A enxó usada no trabalho da madeira surge na lista de Gardiner como U21. Os tamanhos das enxós variavam de acordo com o tipo de trabalho a executar: desde as maiores usadas para desbastes generosos e significativos até às mais pequenas usadas para desbastes de pormenor, quase polimentos (Cf. G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 355).

62 - Cf. G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 355. Vide outras ferramentas (formões, lâminas para aplainar madeira, serrotes, etc.) em D. EL-GABRY, *Chairs, Stools, and Footstools in the New Kingdom. Production, typology, and social analysis*, Oxford: Hadrian Books, 2014, pp. 121-125.

De acordo com o trabalho pretendido, já na fase de transformação efectiva do mobiliário, os marceneiros e carpinteiros egípcios usavam também serras (*tef*), maços (*kherepu*, *hrpw*), formões (*medja*, *md3*) e cinzéis (*menekh*, *mnh*). Com lâminas planas e quadrangulares, de diferentes espessuras, e a adequada pressão manual podiam fazer-se diferentes trabalhos, dos mais grosseiros aos mais delicados, e conferir as características ajustadas às exigências da matéria-prima e do trabalho projectado<sup>63</sup>.



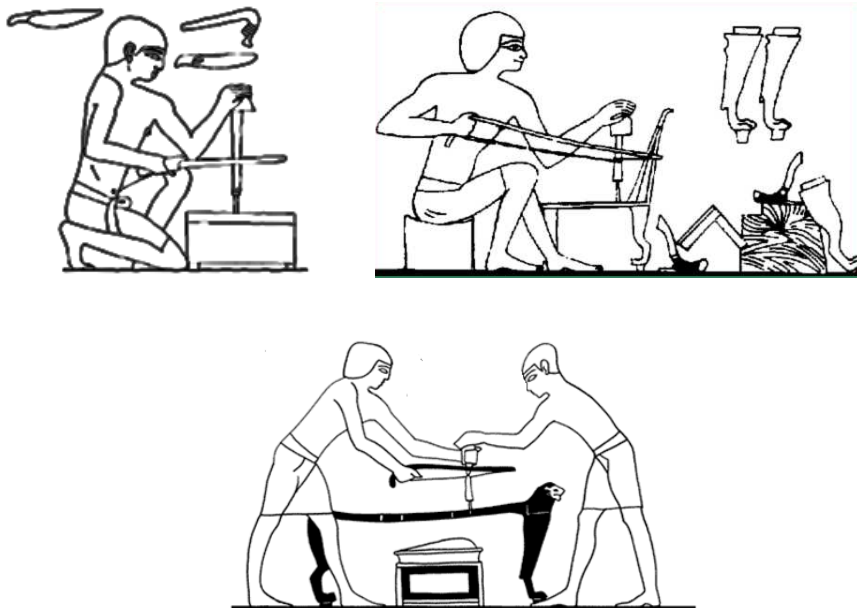
Figuras 7 e 8. Serrando e usando maços, formões e cinzéis. Cenas do túmulo de Rekhmiré (TT 100).

Outra ferramenta indispensável ao bom decurso das tarefas, conhecida e usada desde o Império Antigo, bem visível, por exemplo, em cenas dos túmulos de Ti e de Rekhmiré, é o arco de pua (*hetiit*, *htiit*) com verrumas de metal, compridas e finas, usadas para brocar a madeira<sup>64</sup>. O arco é formado por um bastão de madeira de forma irregular, com cabo ou não, cujas extremidades estão furadas para permitir a passagem de uma corda. A pressão manual exercida permitia efectuar furos na madeira a grande velocidade. Este processo foi usado durante a maior parte da história egípcia, pois o torno parece ter sido empregue especialmente

63 - Os cinzéis aparecem contemplados na lista de signos hieróglifos de Gardiner: U22 e U23 (Cf. A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 518). Devido à qualidade da sua produção, os ebanistas, os artesãos do ébano escuro, eram muito apreciados e considerados no antigo Egipto, tendo mesmo bem remunerados postos estatais ou ao serviço dos templos.

64 - Na lista de Gardiner surgem contempladas as brocas ou furadores (U24 – U27), alguns dos quais seriam certamente usados no trabalho da madeira (Cf. A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 518, 519).

a partir da Época Greco-romana, para realizar os pés de cadeiras, camas e tamboretos, mesmo se provavelmente a sua invenção foi anterior<sup>65</sup>.



**Figuras 9 -11.** Carpinteiros usando arcos de pua com verrumas.

Cenas do túmulo de Ti, em Sakara (fig. 9) e de Rekhmiré, em Cheikh Abd el-Gurna (figuras 10 e 11).

Numa cena do túmulo de Rekhmiré (vide fig. 10) é possível também constatar a existência e utilização pelos carpinteiros egípcios de varas de medição e esquadros, particularmente úteis para a elaboração de obras mais delicadas ou exigentes. Havia também muitos outros punções de cabo de madeira e ponta de metal para diferentes cortes (em tipo, espessura e profundidade), usados para os trabalhos de acabamento e de entalhe, bem como cravos e cavilhas de madeira para os acabamentos. A panóplia de furadores, goivas e sovelas era muito diversificada, em tudo semelhantes às de hoje, comprovando a diversidade dos entalhes então praticados.

Para o polimento das superfícies dos móveis, utilizavam-se raspadores de arenito de grão fino, silicoso, a chamada «pedra de alisar» ou «pedra-pomes» (em egípcio *sn.t*, *senet*), que permitia um acabamento final perfeito<sup>66</sup>. Desconhecia-se, portanto, a plaina. O alisamento, ou «amaciar» ou brunir da superfície das peças, tinha duas grandes finalidades: diminuir a porosidade das madeiras, tornando-as mais resistentes, e prepará-las para os acabamentos finais, nomeadamente a aplicação de gesso ou de folhas de metal (ouro, prata, *electrum*, bronze).

65 - Cf. M.V. ASENSI AMOROS, *La Madera en el Antiguo Egipto*, p. 197; G. KILLEN, «Le travail du bois...», p. 6.

66 - Cf. G. KILLEN, «Wood (Technology)», p. 356. Vide cena de polimento do túmulo de Upemnofret, em Guiza (Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 53). Outras cenas similares são observáveis na mastaba de Ti, em Sakara (V dinastia), e no túmulo de Ipy (TT 217), em Deir el-Medina (XIX dinastia).



Fig. 11. Polindo uma peça. Cenas do túmulo de Rekhmiré (XVIII dinastia).

O acabamento mais comum, à base da aplicação de gesso, visava cobrir de forma uniforme toda a superfície do objecto, podendo a mesma, depois, receber pintura (como acontece com algumas cadeiras, por exemplo) ou mesmo as folhas de metal, mais ou menos espessas. A aplicação destes folheados exigia colas quentes (no caso de folhas finas) ou cravos e cavilhas (no caso de folhas de grande espessura)<sup>67</sup>.



Fig. 12. Aplicando cola quente com um pincel. Cena do túmulo de Rekhmiré (XVIII dinastia).

As técnicas de incrustação de minerais, de faiança ou de pasta de vidro, os entalhamentos (por exemplo, os pés de tronos e cadeiras, em forma leonina) ou os marchetados (colagem de diversas peças de diferentes madeiras, formando imagens ou padrões, alguns de grande complexidade) eram formas de aperfeiçoar as peças do ponto de vista estético, ao mesmo tempo que aumentavam o seu *status* e ampliavam o seu simbolismo<sup>68</sup>.

Mas a questão central e mais extraordinária das técnicas de transformação, sem a qual, objectivamente, a maioria das peças do mobiliário egípcio jamais teria sido produzida, consiste no desenvolvimento de juntas para manter diversas peças unidas. De facto, desde cedo familiarizados com as características da sua flora, que não lhes permitiram aceder a grandes pranchas para satisfazer as suas necessidades, como mencionámos antes, e com os

67 - As colas eram fabricadas fervendo em água as peles e os ossos de animais jovens, como coelhos, cabritos e carneiros, até à evaporação daquela. Historicamente, não foi o primeiro tipo de cola a ser usado. Até à V dinastia, aplicava-se a resina, de origem vegetal. A generalização do uso da cola animal constituiu um enorme salto qualitativo, permitindo a sua aplicação nas juntas, nos folheados, marchetados e embutidos com o auxílio de um pincel, como vemos na Fig. 12. Este grude tem a característica de ser totalmente reversível, não danificando a madeira onde é aplicado (Cf. J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», p. 119; HENRIQUES, «A técnica e o objecto», p. 89; G. KILLEN, *Egyptian woodworking and furniture*, pp. 17, 18).

68 - Nos marchetados com folhas de metal (ouro, prata, *electrum* ou bronze) sobre a madeira nem sempre era possível obter folhas suficientemente finas. Nesses casos, era necessário fixar as folhas aos móveis com uso pregos, geralmente feitos do mesmo metal.

comportamentos físicos e mecânicos das madeiras ao seu dispor, os carpinteiros e marceneiros egípcios usaram todo o seu engenho para cortar e unir em conjuntos coerentes e funcionais as diferentes partes que compunham os seus trabalhos.

### **Acoplamentos, juntas, ensambladuras**<sup>69</sup>

As uniões das peças de madeira, mais engenhosas ou funcionais, demonstram a perícia técnica dos marceneiros, ao mesmo tempo que testemunham a importância o apreço conferido por uma sociedade aos artefactos de madeira. Nas primeiras dinastias, usava-se o couro para fixar os vários elementos do mobiliário, embora estejam já atestadas junções com encaixes e respigas<sup>70</sup>. É, sobretudo, a partir do Império Médio, momento da história do Egito em que se começam a usar e a construir peças de maiores dimensões e que o mobiliário se refina, que se amplia o uso das juntas, das uniões, dos encaixes.

As novas necessidades de união das diversas peças de madeira reflectiu-se, portanto, na criação diversificada de juntas que produziam cantos mais perfeitos e reforçados (junta de canto em cauda de andorinha) ou aumentavam o comprimento de uma peça (com as chamadas juntas de aresta ou as de gancho simples, de gancho simples com cunha de bloqueio em borboleta e juntas de banda em gancho atadas). As juntas mais antigas e mais usadas na elaboração do mobiliário egípcio foram as de furo e as de respiga, admitindo algumas variantes, bem como as juntas de meia-esquadria simples, de rebordos, de duplos rebordos ou de encaixes sobrepostos (uniões de esquadria)<sup>71</sup>.

O uso das duplas caudas de andorinha está também bem atestado em certas peças, demonstrando que os antigos Egípcios conheciam e usavam os malhetes que, nas de melhor qualidade, tentavam esconder (malhetes semi-ocultos). Os emalhetados, como forma de travamento de madeiras, com os encaixes visíveis, semi-ocultos ou totalmente escondidos, surgem, por exemplo, em bancos e tamboretos egípcios, tornando-os mais sólidos e conferindo-lhes uma bela aparência.

Os encaixes eram geralmente constituídos por uma junta formada por uma ou mais projecções redondas ou quadrangulares (encaixes salientes, encaixes macho ou espigas) sobre a peça a que se interligavam com correspondentes entalhes ou recessos (encaixes embutidos, encaixes fêmea ou caixas). Este tipo de união permitia ligar duas peças de madeira em T ou em L, formando ângulos (uniões angulares), ao mesmo tempo que mantinha os seus lados

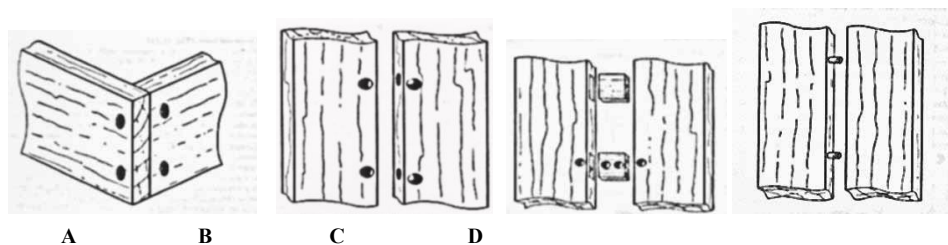
69 - Na actualidade, é habitual distinguir os tipos de junções de acordo com a disposição dos veios da madeira: acoplamentos, juntas e ensambladuras. *Grosso modo*, os princípios adoptados pelos antigos carpinteiros e marceneiros egípcios eram semelhantes.

70 - Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 52. Até ao Império Novo, o couro foi ainda usado como dobradiça e fechadura. Só nessa época surgiu a primeira fechadura com lingueta que enfiava num aro metálico ao rodar o puxador e as primeiras dobradiças de metal, a maioria de cobre (Cf. HENRIQUES, «A técnica e o objecto», p. 90).

71 - Cf. G. KILLEN, *Egyptian woodworking and furniture*, pp. 15-16; G. KILLEN, «Le travail du bois...», p. 7; J. ANDERSON, «Furniture of the Old Kingdom», p. 119.

nivelados. Entre as suas variantes contavam-se as juntas de furo e respiga cavilhada, as juntas de duplo furo e respiga e as juntas de furo e respiga visível.

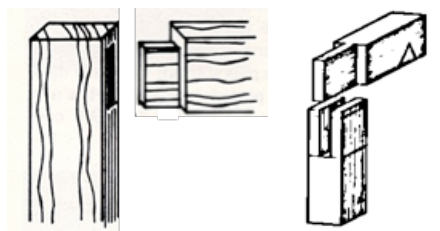
As uniões a meia-esquadria permitiam, de forma semelhante aos encaixes de caixa e de respiga, unir duas peças de madeira de igual espessura que formavam entre si um determinado ângulo e que se ligavam pelos extremos ou na metade de uma delas ou atravessando-a. Daí os vários tipos que podem apresentar.



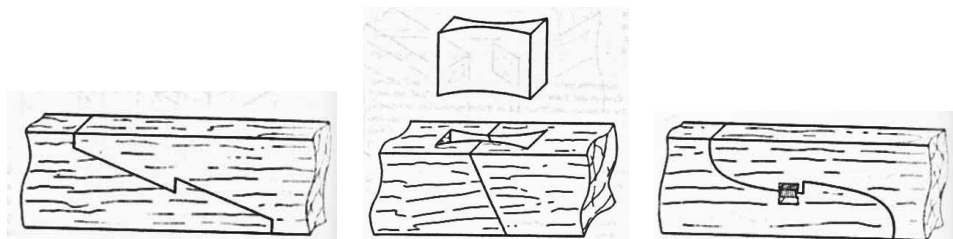
**Figuras 13-16.** Várias formas de unir duas peças, aumentando a sua resistência e extensão total:

A) juntas de topo com furo e B) junção de bordo (onde se colocavam cavilhas de madeira ou tiras de couro);  
C) junção de bordo com linguetas soltas e D) junção de bordo com cavilhas

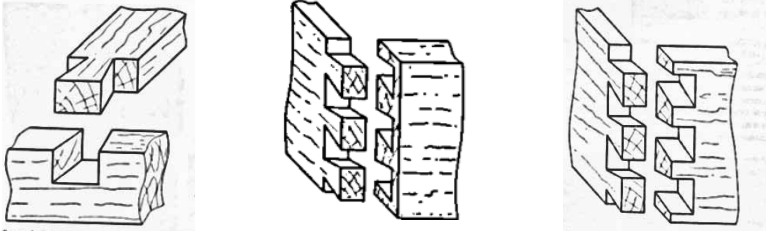
(Cf. KILLEN, *Egyptian woodworking and furniture*, p. 16; G. KILLEN, «Wood», pp. 359, 360).



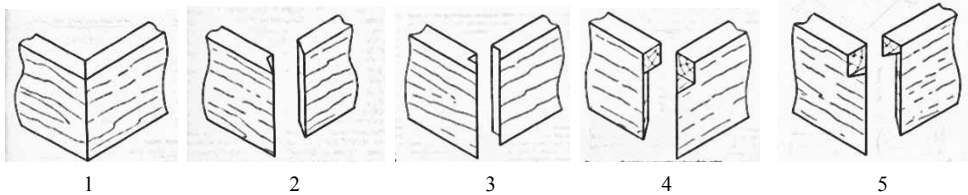
**Figuras 17 e 18.** As juntas mais antigas e mais usadas no antigo Egipto: as juntas de respiga e caixa. Estes tipos também se podem chamar de malhete directo (invisível do lado de fora) ou de espigão encaixado em U (visível do lado de fora).



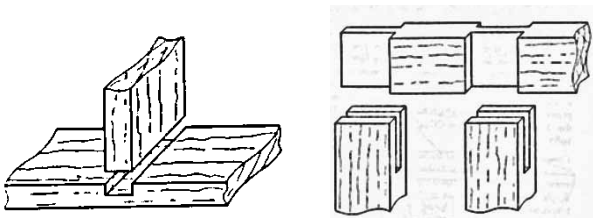
**Figuras 19-21.** Juntas de gancho: juntas de gancho simples, de gancho simples com cunha de bloqueio em borboleta e de gancho atada, respectivamente (Cf. G. KILLEN, «Wood», p. 366).



**Figuras 22-24.** Ensambladuras ou malhetes com encaixes e respigas em cauda de andorinha (Cf. G. KILLEN, «Wood», p. 364).



**Figuras 25-29.** Juntas a meia-esquadria: 1) meia-esquadria simples, 2) meia-esquadria com rebordo, 3) meia-esquadria com duplo rebordo, 4) meia-esquadria com encaixe sobreposto e 5) meia-esquadria com encaixe sobreposto em meia cauda de andorinha (Cf. G. KILLEN, «Wood», pp. 365, 366).



**Figuras 30 e 31.** Outras juntas: junta de encaixe a meia-madeira e junta travada.

A panóplia de tipos de ensambladuras que as peças de mobiliário egípcio chegaram até nós nos permitem observar é, de facto, extraordinária, pela diversidade e, em alguns casos, pela complexidade<sup>72</sup>. A sua enumeração, mais do que um exercício de levantamento rigoroso de todos os tipos usados, permite a constatação dessa multiplicidade de procedimentos técnicos que os antigos Egípcios dominavam e que empregavam para aumentar a resistência dos seus móveis, o que, em última instância, nos reforça a perspectiva da importância desses elementos técnicos que, a montante da produção de um trabalho de madeira, o tornavam efectivamente possível. No entanto, é sempre necessário evitar uma posição de «extrema

72 - É, porém, extraordinário que esta etapa fundamental da concepção das peças de mobiliário egípcio não nos apareça nas representações murais do túmulos do Império Antigo, por exemplo (Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 52).

consideração técnica», que nos poderia levar a considerar o mobiliário do antigo Egipto, no extremo, como um simples aglomerado de tábuas. Ao virtuosismo técnico associa-se sempre a demanda de utilidade e a dimensão estética-simbólica: a ensambladura tornava um móvel egípcio «eficaz», benéfico», «perfeito»<sup>73</sup>.

### Observações finais

Uma sucinta nota final para a influência egípcia no mobiliário europeu. De facto, no século XIX, através das campanhas napoleónicas no Egipto, o mobiliário egípcio da época faraónica foi introduzido no desenho do mobiliário europeu, sobretudo nos estilos neoclássicos tardios francês (estilo Império) e inglês (estilo Regency). Os motivos ornamentais egípcios (cabeças de esfinge, esfinges aladas, garras de leão, curvaturas dos espaldares das cadeiras, estilização de pilones e fachadas de monumentos e templos, etc.) tornam-se a fonte de inspiração do mobiliário oitocentista<sup>74</sup>. O grande difusor desta moda foi o inglês George Smith, proprietário de uma oficina de carpintaria em Londres, que criou móveis «à egípcia», segundo critérios de utilidade modernos. Ainda hoje, 4000 anos depois das suas primeiras criações, o estilo egípcio continua a capturar a imaginação dos colecionadores, seja através de cópias fiéis das peças originais egípcias, seja através de derivações e *designs* baseados nessas peças e no seu simbolismo.

As peças de mobiliário egípcio expostas e arquivadas em museus por todo o mundo e em colecções particulares, por um lado, e as cópias modernas realizadas por colecionadores e amantes do «mobiliário antigo», por outro, conjugam-se para sublinhar as suas tipologias, as suas técnicas e o seu simbolismo mais característicos. Ao mesmo tempo, convocam o nosso olhar e a nossa atenção reflexiva para uma importante e multifacetada manifestação artística do antigo Egipto.

---

73 - Cf. L. CARITOUX, «Du bûcheron au menuisier...», p. 52.

74 - Cf. E. WARMENBOL, «De l'Égypte à l'Orient: dans les meubles de pharaon. L'égyptomanie d'un roi de Siam», em *Art & Fact* 33, 2014, pp. 74-86.